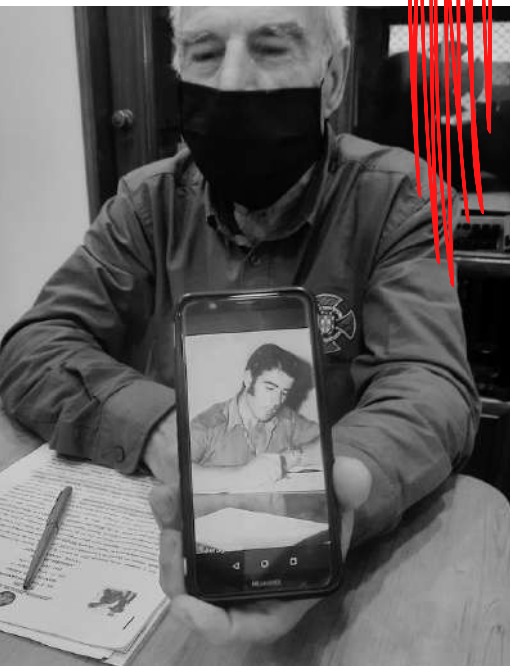


AMORA

AGAZINE



TESTEMUNHOS de ABRIL

Abril '24



3

Intro

Nelson Ramos
partilha a sua reflexão
para esta edição.

4

Destaque

Entrevistámos três
ex-combatentes, num tes-
temunho incrível sobre um
Portugal pobre, sem Liberdade
e sem esperança para os jovens.

12

Agenda

Em Abril, evento mil. Sobretudo,
quando se comemora meio século de Liberdade. Saiba
o que acontece na sua freguesia. E participe nas atividades!

16

Destaque

Colhemos mais um testemunho
de vida de um Portugal antes da
Revolução. Desta vez, um resistente
que viveu na clandestinidade na Amora.

20

Notícias

Das obras aos acontecimentos,
passando pelo trabalho executado. Saiba
o que a sua Junta de Freguesia tem feito.

26

Memória

Com o blogue
Raízes de Amora, conhe-
cemos um amorense que lutou
pela Liberdade antes de Abril 74.



Abril.

Parece que foi ontem, mas já passaram 50 anos sobre a data que nos trouxe a Liberdade. E ao fim destes 50 anos, sobretudo nos últimos tempos, tantas vezes nos querem sugerir que nada mudou. Só o simples facto de nos ser permitido pensar e vocalizar esse pensamento, é uma prova que muito mudou - ainda que muito ainda haja para mudar.

O 25 de Abril de 1974 representa não só a conquista da liberdade e da democracia, mas também a coragem e a determinação do povo português em lutar por um futuro melhor. Há meio século, os ideais de Igualdade, Justiça e Dignidade Humana guiaram homens e mulheres na luta contra a opressão e a ditadura. Graças ao seu sacrifício e à sua bravura, hoje dispomos dos direitos e das liberdades fundamentais que tanto valorizamos e que, erradamente (e demasiadas vezes), damos como adquiridos.

“Não esquecer” tornou-se mandatário numa época em que querem abafar o passado e esconder a história que nos trouxe até aqui. “Não esquecer” deve ser ordem para que não caíamos nas armadilhas de discursos populistas e desafetos à realidade de um país feito de multiculturalidade como o nosso.

Assim, neste aniversário do 25 de Abril, relembremos e conversamos com quem viveu as angústias de um regime sem liberdade, sem esperança, sem garantias. Para que não se esqueça o que nos levou a ter uma revolução, que de vermelha teve apenas os cravos e o sangue derramado em terras do ultramar. Para que não se esqueçam as conquistas.

Que esta data nos inspire a continuar a lutar por um país onde todos tenham oportunidades iguais e onde a liberdade seja verdadeiramente vivida por todos os cidadãos.

Viva o 25 de Abril! Viva a Liberdade!

Nelson Ramos
Presidente Junta de Freguesia de Amora

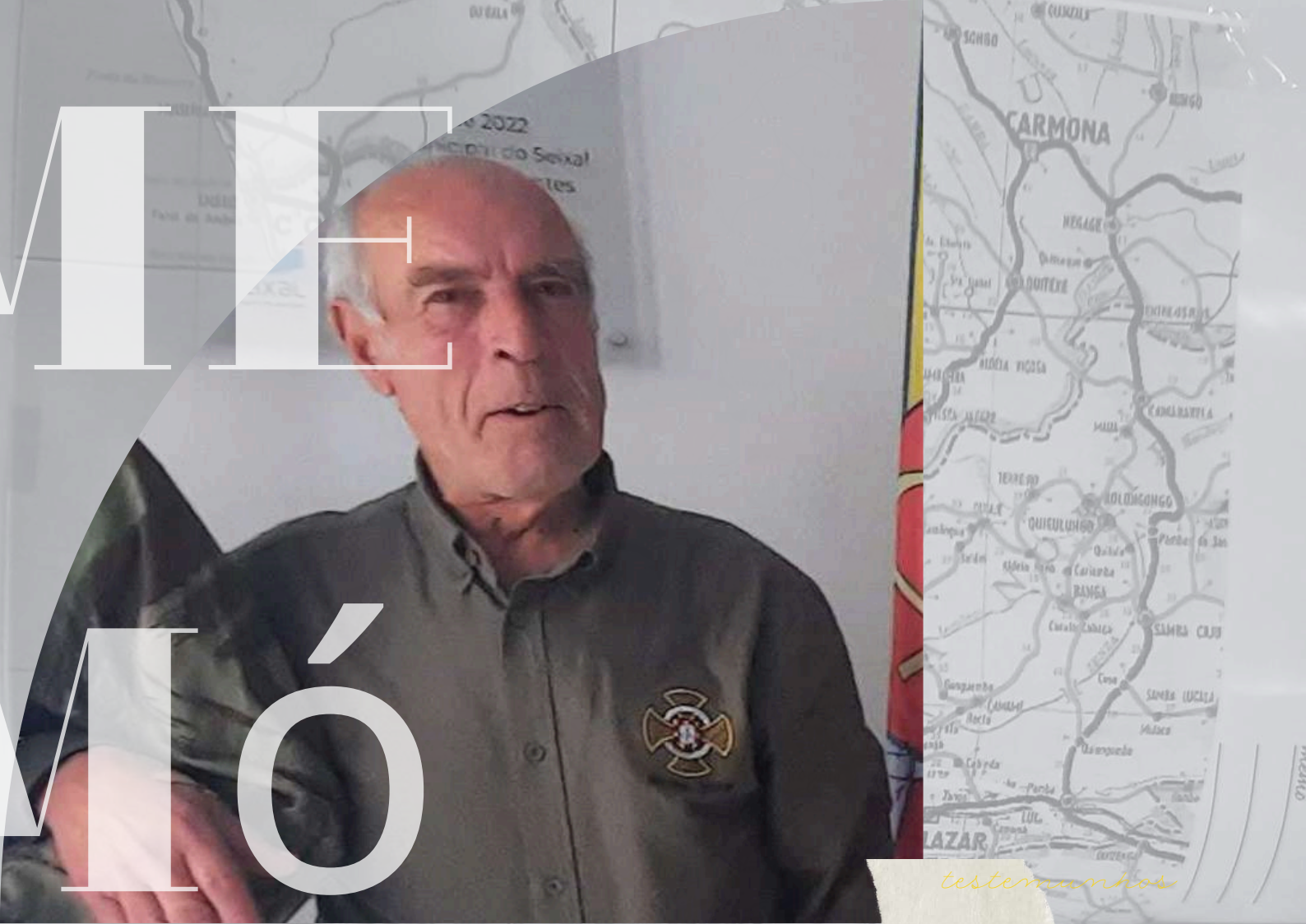




Às portas do meio século do 25 de Abril, a Liga dos Combatentes (Núcleo do Concelho do Seixal) deu-nos a conhecer três dos seus ex-combatentes que colocaram sobre a mesa o seu álbum de recordações, que desfolharam ao sabor das palavras de uma memória sofrida. Ainda assim que não se cala. Porque esquecer nunca!

A Amora Magazine falou com João Chora, Amílcar Marques e Fernando Pólvora sobre o antes e o depois do 25 de Abril visto por quem esteve no continente africano e experienciou a revolução num ponto de vista militar e civil.

MÉMÓ

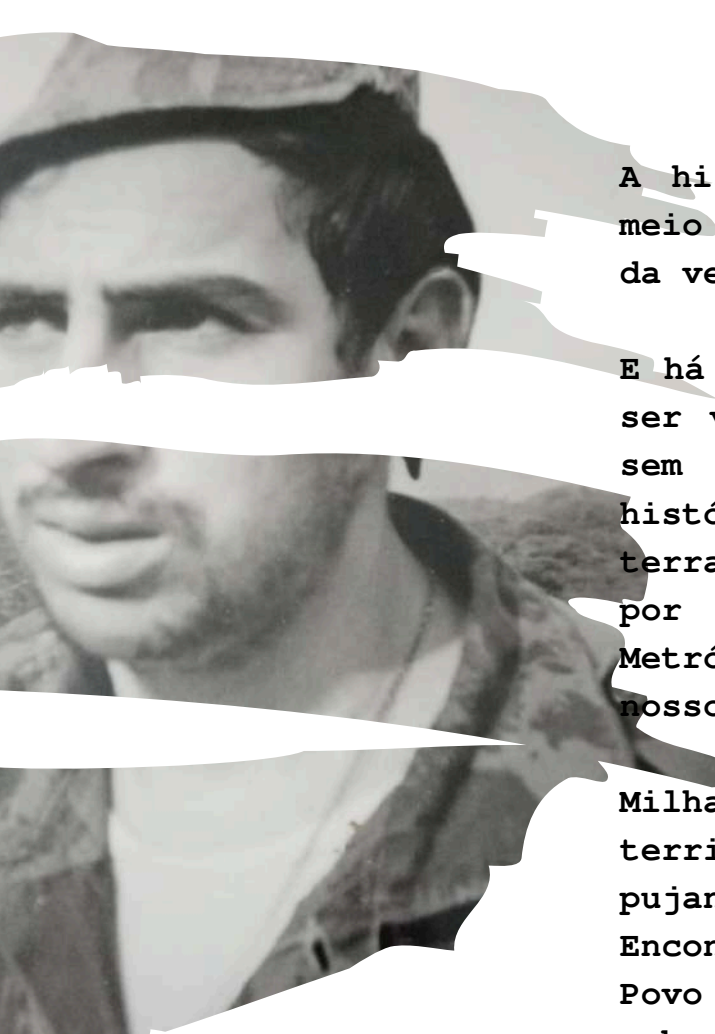


R



MEMÓRIAS DE ABRIL



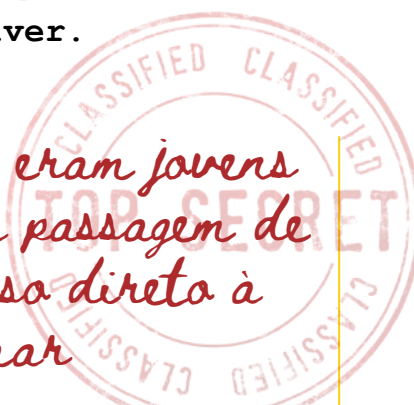


A história tem sempre dois lados. No meio encontra-se, geralmente, espectros da verdade.

E há um lado menos positivo que tem de ser visto sem julgamento, sem pudor e sem preconceito. Esse lado conta a história de jovens arrastados para terras além fronteiras para lutarem por aquilo que os "Senhores na Metrópole" consideravam ser seu / nosso.

Milhares de jovens foram para território africano, no auge da sua pujança juvenil, repletos de sonhos... Encontraram pesadelos. Miséria. E um Povo que como eles só queria sobreviver.

Antes do 25 de Abril, eles eram jovens com destino marcado numa passagem de passaporte que dava acesso direto à guerra no Ultramar



Com a partida deles, ficaram elas e as famílias (pais e mães de filhos que criavam para serem carne para canhão. Imperava o silêncio. Sim, os tempos eram outros, as gentes diferentes, as opiniões eram caladas e as liberdades pouco consentidas.

Eram os tempos do Fascismo, de Salazar, depois Marcelo. Mas nunca do Povo e da sua vontade.

↑ De que Portugal falamos antes do 25 de Abril de 1974?

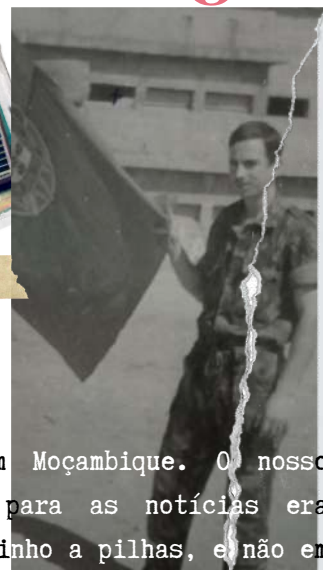
“Éramos pobres! Os jovens de hoje têm outras preocupações. No entanto, não lhes fazia mal algum saberem como viviam os seus avós ou pais. A tendência dos jovens na época era “fugirem” para Lisboa à procura de uma vida melhor. Era pura ilusão. Faltavam empregos e os que haviam eram mal pagos. Não havia dinheiro. Fala-se muito no exemplo de uma “sardinha para três”. Lembro-me que uma posta de bacalhau demolido custava 15 tostões e era uma festa quando a conseguíamos comer. Ou que, por exemplo, a vendedeira no mercado, deitava de propósito para o chão, alguma folha de couve ou uma cenoura partida, para os miúdos apanharem. O bilhete de autocarro custava “apenas” 1 escudo para ir de Alvalade para o Saldanha, mas era o suficiente para “obrigar” a ir a pé e a vir à noite pelo mesmo caminho. O regime defendia uma economia fechada. O investimento estrangeiro era dificultado. Era o “orgulhosamente sós”.

Deu-se o 25 de Abril e onde estavam nessa altura?

FR “Nessa data já estava cá. Tinha vindo de Angola a 20 de Janeiro de 1974, tinha 20 anos. Quando vim de Angola já se ouvia um burburinho que algo ia acontecer: o que era e quando seria é que não se sabia. Lembro-me que, em Novembro de 73, um Comandante que tínhamos, na parada disse-nos: “você estão aqui a fazer esta guerra, mas na Metrópole prepara-se outra”.

“Lembro-me que antes do 25 de Abril, um homem que fumasse e tivesse um isqueiro a petróleo, tinha de pagar uma licença para o ter. Coisas agora simples, eram na altura muito difíceis”.

“Naquele tempo não se podiam reunir mais de três pessoas a uma esquina. Se isso acontecesse, a seguir tínhamos a PIDE em cima.”



“Eu estava em Moçambique. O nosso melhor amigo para as notícias era mesmo o radiozinho a pilhas, e não em todas as estações porque algumas davam notícias falsas. Pouco se dizia do que se passava lá, mas muito se ouvia do que se preparava em Lisboa. A princípio eram só rumores. Mas dava para sentir que estava em marcha uma mudança radical da política ultramarina. Aliás, tudo o que se passava na Metrópole havia logo alterações em Moçambique. Claramente o 25 de Abril suscitou grande interesse na sociedade moçambicana, em especial entre a população branca, que acompanhou o desenrolar do processo com curiosidade e satisfação, mas também com receio pelo seu futuro no território”.

AM

"Tinha 21 anos quando fui mobilizado para a Guiné, para o Hospital Militar de Bissau e sempre estive lá. Recordo-me que em Março de 1974 foi a pior época que tive no serviço. Aumentaram os bombardeamentos, cada vez mais feridos a chegar. Coincidiu com a altura que se começou a ouvir que algo ia acontecer, não se sabia o quê, mas que tínhamos de estar preparados.

Mas o 25 de Abril propriamente dito, não o vivi como os que viviam em Portugal. Enquanto aqui se instalou a paz, lá ainda estávamos em guerra e ainda durou mais uns cinco meses. Só senti o 25 de Abril quando cheguei a Portugal".

JC

Do tempo de guerra não guardam saudade. Só traumas, pesadelos e muitas questões que hoje se conseguem verbalizar. "Na altura pensávamos o que estávamos ali a fazer, aquilo não era nosso!". Mas não passava disso mesmo, de pensamento que se abafava rapidamente e se esquecia quando a lei da sobrevivência falava mais alto. Sobretudo em tempo de guerra feita no mato. Ai, o instinto animal sobrepunha-se a tudo. Ai, viveram-se grandes horrores.

"Não se falava de nada do que se passava no Ultramar. Quem chegava, esquecia o sofrimento. Havia muito essa ideia de passou é passado e o sofrimento que se passou ficava calado. Era como se trabalhássemos numa fábrica repleta de homens insatisfeitos, mas onde não se podia dizer nada. A guerra era isso. E, francamente, nós nem sabíamos o que perguntar".

AM

K

"A minha vivência foi diferente, mas também muito dura. No Hospital era tratar dos que vinham do mato onde havia os bombardeamentos e os que vinham com doenças infecto contagiosas. A enfermaria tinha sempre mais de uma centena de doentes e estavam sempre a chegar. Ainda hoje consigo ouvir os gritos dos meus camaradas doentes e mutilados. Nunca esqueci"...

Ainda sobre o tempo antes da Revolução: o que encontraram quando saíram de Portugal?

"Quando chegávamos lá, não sabíamos nada do que se lá passava. Éramos uns miúdos e nada nos preparava para aquilo. Porque quando algum soldado regressava da guerra, não se falava do que se passava no Ultramar. Mesmo entre família. E nos aerogramas sabíamos que eram lidos e tínhamos diretrizes para dizer que ali era tudo bem, que não havia fome. Mentira! Quando íamos para o mato em combate, isolados, tínhamos a caixa do tamanho da dos sapatos com a ração de combate, com latas de conserva, bolachas água e sal e marmelada. Passava-se muita fome. Quando fui convocado não fazia ideia do que ia ver. As nossas tropas sofreram muito! Tive um camarada que chegou a beber a própria urina porque tinha ficado sem água no cantil. Vi muitos mortos, feridos, mutilados, camaradas desfeitos pelas granadas"...

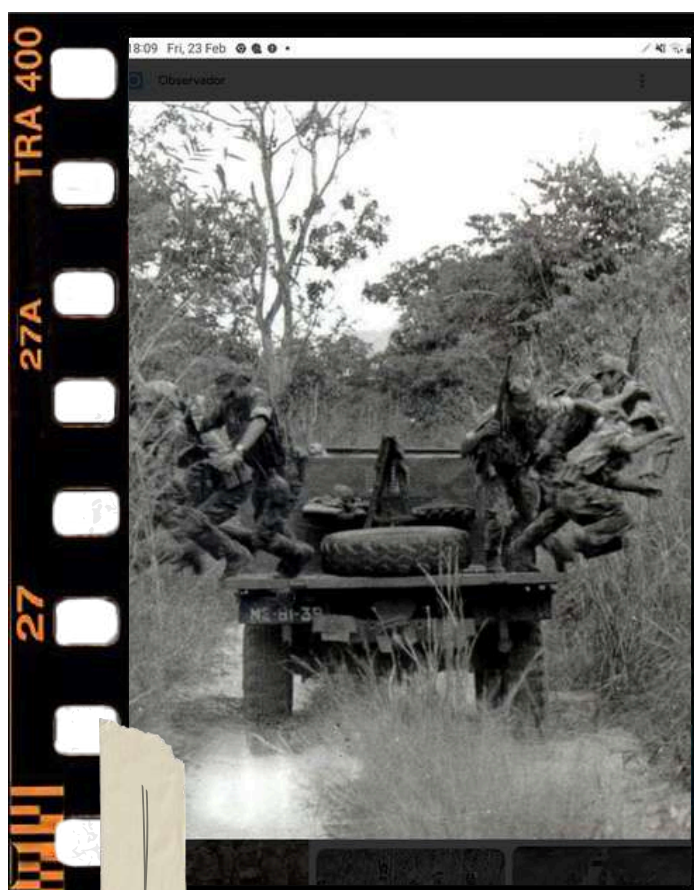
FR

Foram tempos duros. De matar ou morrer. Esta era aliás a pior pergunta que se poderia fazer a soldado que regressava: “quantos mataste?” Não se queria era morrer. E dos que tinham de disparar para sobreviver, querem é esquecer. Une-os aos seus companheiros de armas algo que vai além do entendimento que as palavras possam expressar. Há uma memória de tempos vividos de que quase não se fala, mas todos sabem o que se viveu, como uma espécie de ligação telepática que cria um entendimento além do convencional. ←

No meio do turbilhão da guerra, da morte, dos feridos, havia ainda lugar a alguma esperança, algum sonho, às coisas típicas de jovens. Esse revestia-se de aerogramas, assinados pelas chamadas “Madrinhas de guerra”. Se calhar sem perceberem a dimensão que cada letra batida em papel tinha nos milhares de quilometro de distância percorrida pelo seu papel. Ao chegarem ao destino, as madrinhas falavam de Portugal, do dia a dia e apaziguava-se assim a dor e a distância. Ainda que os quilómetros demorassem semanas ou meses a fazerem-se.

Muitas dessas madrinhas de guerra, transformaram-se em esposas. As cartas em histórias de família. E os traumas em memórias recorrentes que, a muitos, ainda hoje os levam ao cenário de guerra.

“As madrinhas de guerra tinham um papel muito importante. Era como ter ali ao lado alguém a quem contar coisas que nem à família se desabafava”.



Qual era importância das Madrinhas de Guerra para quem estava no Ultramar?

“A minha madrinha de guerra acabou por ser a minha esposa já o é há 50 anos. **As mulheres dos combatentes têm um papel muito importante na vida do combatente porque elas são combatentes também.** Elas aturaram as doenças e os traumas que trouxemos de África por causa da guerra. Eu não conhecia a minha mulher. Enviei um aerograma e tinha no remetente “Senhor Carteiro, favor entregar à primeira jovem que encontrar”.

E a minha mulher trabalhava num aviário e o carteiro perguntou-lhe se queria aquela carta e ela aceitou. Falamos assim entre 72 e 74. Depois regresssei e ela estava lá no aeroporto à minha espera. E gostámos ambos do que vimos até hoje! Aturou-me muito! Eu vim da guerra, para a qual fui **por causa de Salazar**, doente. E sofri muitos anos”.

FP

DURANTE ANOS DORMIA COM UMA FACA DEBAIXO DO TRAVESSEIRO, NÃO CONSEGUIA ENTRAR NUM CAFÉ... E ISTO ERA TERRÍVEL.



JC

“Também tive madrinha de guerra e também casei com ela. E **é a minha senhora há 52 anos.** Estava na Guiné há um ano e meio quando a minha irmã conheceu uma rapariga e convidou-a para ser minha madrinha de guerra. Ela aceitou e começámos a **trocar aerogramas** e mantivemo-nos assim até eu regressar da guerra. Quando vim, não a conheci logo. Foi só passado três dias e foi até hoje. A madrinha de guerra levantava a moral aos soldados, sobretudo aos que estavam nos hospitais e mais afastados dos combates, porque se sentiam mais sós. **A minha senhora sabe o que eu sofri e eu sei o que ela sofreu.** Tenho dias muito complicados de andar por aí a visualizar tudo o que vivi por lá e ela nessas épocas sabe acarinharme”.



O que mudou com o 25 de Abril?



“Era uma vida que acabava e outra que começava para cerca 150 mil repatriados que partiram de avião no antigo aeroporto de Lourenço Marques. A população não tinha qualquer ajuda porque nada funcionava. O ambiente era de greves, atentados bombistas e insegurança. Uma vaga de criminalidade sem precedentes. Era fugir para “salvar a pele”. Os Portugueses que ajudaram a construir o país eram agora expulsos. Aos olhos de um combatente, que saiu com um regime e encontra outro, foi um misto de surpresa e precaução. O Estado Novo tinha caído e com ele um período negro da nossa história. Era uma revolução. Era tudo “novo”, tudo diferente. Ouvir as pessoas. Perceber o que elas sentiam. Principalmente as que já conhecia. As feições do rosto alteradas. As conversas revelando mais à vontade. Aos poucos fui-me apercebendo de que era verdade. Alguma coisa de bom tinha acontecido. Em cada esquina uma “novidade”. Cantarolávamos na rua as músicas sobre a

LIBERDADE

que eram lançadas como que em catadupa. Falava-se em Democracia. Líamos jornais, ouvíamos notícias. Reuníamos-nos e discutíamos tudo o que não se podia fazer anteriormente”.

AM



Grupo Nove Meses apresenta,

ADAPTAÇÃO EM TEATRO
LIVRO DE ALICE VIEIRA

VINTE CINCO A SETE VOZES



entrada gratuita

Junta de Freguesia de Amora

DIA
30 / 05

ÀS
21h00

LOCAL:
**Bairro dos Corticeiros,
Amora**



25 ABRIL
JUNTA
DE FREGUESIA



50

anos
de

Liberdade

Sábado &
Domingo

10:00

Mexe-T'Amora

Parque do Serrado

20 Abril
Sábado

15:00

CONCERTO

50 anos Abril

SFOA

17:30

INAUGURAÇÃO

Escultura Regar Abril

18:00

CONCERTO

Grupo Cordas Unisseixal

CORETO DE AMORA

21:00

CONCERTO

Banda Filarmónica

SFOA

24 Abril
4ª feira

10:00

DISTRIBUIÇÃO

Cravos

Instituições Freguesia

25 Abril

10:00

DEPOSIÇÃO

Cravos

Monumentos
Anti-Fascistas
da Freguesia

10:00

Mexe-T'Amora

Parque do Serrado

26 Abril
6ª feira

10:00

DISTRIBUIÇÃO

Cravos

Comércio Local

30 Maio
6ª feira

21:00

TEATRO

25 a 7 Vozes

Adaptação livro de Alice
Vieira, pelo grupo 9 meses
Bairro dos Corticeiros



ABRIL

24/26

Entrega de cravos às
Instituições e Comércio
Local

Principais artérias
9h30

25

Homenagem ao 25 de Abril

Monumentos Anti
Fascistas

Lançamento da Iª Pedra
CACI - APCAS

Quinta do Pinhão
11h00

Mexe-t'Amora... pela
Revolução

Parque Municipal
Serrado
11h00h - 12h00

27

Quinta do Cabo...
Participa

Praia Pinheiros
10h00 - 12h00

28

Caminhada de Abril

Quinta do Pinhão
9h00

MAIO

1-5

Arraial do Fanqueiro

Parque Urbano do
Fanqueiro
17h30 - 23h00

5

Mercado Amora
Sustentável

Marginal
10h00 - 16h00

18

"Pintar Abril" - ação
de participação

várias artérias
freguesia

10h00 - 12h00

25

Sessão Solene
Aniversário da Cidade

Parque Municipal do
Serrado

17h00

**Espectáculo de entrada
gratuita e aberto a toda a
população*

CONCURSO DE Fotografia

**19 ABR
A
12 MAI**

Iº prémio | 100 eur

Regulamento | jf-amora.pt



Com Abril,
Liberdades Mil

tomar nota!



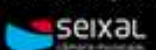
Até 4 de junho
Zona Ribeirinha da Amora

| ARTE NA RUA |

OUTROS MUNDOS

Viagem pelo sistema solar
guiada por Michael Benson

Com a colaboração de





Domingos Abrantes é um dos nomes da resistência. Ligado ao Partido **Comunista** desde 1954, afirma que não se fez Comunista por ter nascido pobre, mas porque não se revia no tipo de sociedade onde vivia. Uma das memórias que tem mais presentes sobre o poder da resistência fá-lo recuar até aos sete anos. "Altura em que houve uma crise impressionante e vejo uma multidão de mulheres a serem encurraladas pela GNR. Elas apenas gritavam uma coisa: **Temos fome! Queremos Pão!**"

Quando aos 11 anos entra para o mundo operário foi subtilmente apercebendo-se de que havia homens diferentes que faziam questionar o status quo, de forma muito simples. "Metendo-nos a **pensar**"!

No ano em que se assinala o 50º aniversário sobre a Revolução, conversámos com esta peça viva da construção da **Liberdade**.



Resistência

Sacrifício

Indeterminabilidade

viver na clandestinidade

50 anos do 25 de Abril Parece que foi ontem??

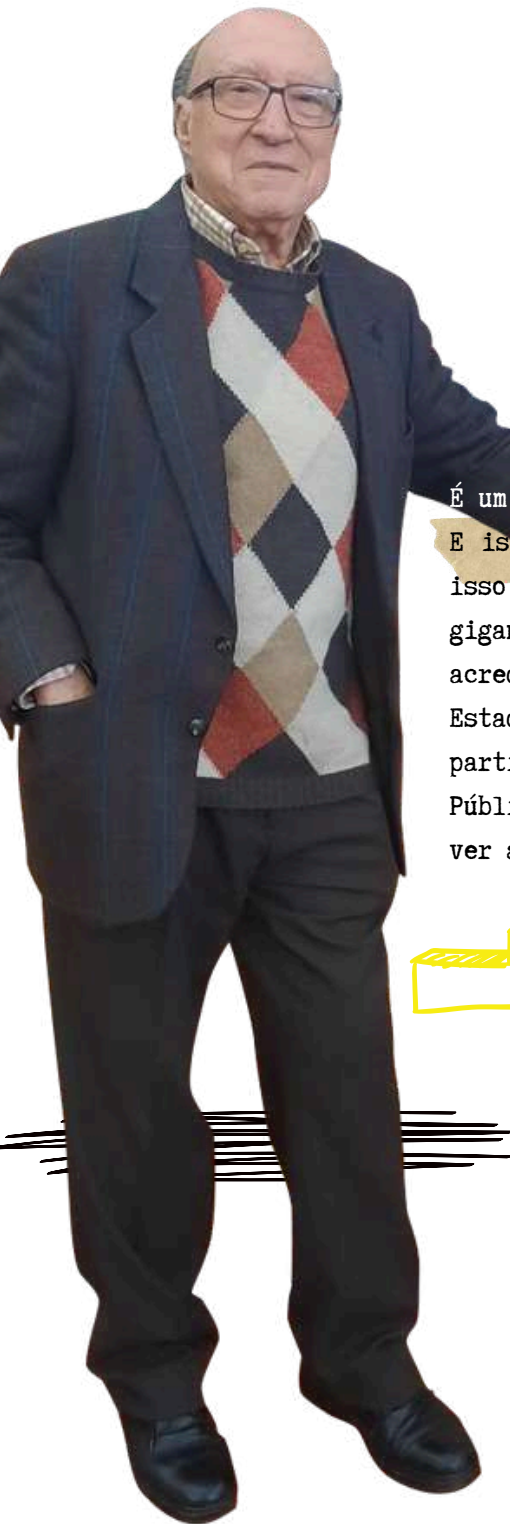
Costumo dizer que 50 anos não é nada! Há uma expressão de Marx muito curiosa que diz que há dias que valem por 100 anos. E o 25 de Abril valeu por 100 anos por aquilo que foi, pelas transformações que introduziu. Acabou com a ditadura que governou o nosso país durante 48 anos. E, portanto, é uma data de grande alegria.

E hoje como vê o 25 de Abril?

O 25 de Abril é sempre um grande dia do ponto de vista da Liberdade, mas claro que não vamos comparar com o hoje. Há quem vá comemorar o hoje e quem vá comemorar o amanhã numa perspectiva ainda pior. Basta ouvir o que prometem e a tentativa de colocar o 25 de Novembro como uma grande data da Democracia, quando é a principal data da contraordenação transformadora da data da Democracia. Há um esforço para fazer esquecer que este país, num ano, transformou-se de alto abaixo. E, naturalmente isso é preocupante. São 50 anos, **mas tudo vai ficando esquecido porque parte da população que viveu antes do 25 de Abril começa a ser residual.** E isso é um problema. Porque os que não viveram o antes não fazem ideia do que foi e há um esforço - que não é inocente - de se apagar essa memória, dos valores de Abril e do que foi conquistado.

E os valores de Abril são a Liberdade, o Direito à Organização, ao Pensamento, a uma vida digna. E não estes retrocessos monumentais que estamos a ver.

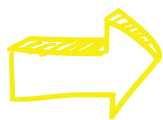




Os retrocessos podem ser vistos como ventos de mudança?

Estes novos ventos de mudança - já vivemos isto. Sabemos como é o Fascismo. Qual o grande problema? É uma certa legitimação que tende a existir; o espaço que têm, a credibilidade que lhes é dada - e não é só um problema de Portugal!

É um problema da França, Itália, Suécia, Finlândia. É o populismo. E isto existe porque existem milhões de pessoas sem horizontes e isso deve-se ao capitalismo que faz crescer estas massas gigantescas que, não tendo horizontes, são muito fáceis de fazer acreditar nas promessas populistas. Eu sempre trabalhei para o Estado e os ordenados eram baixíssimos. Quando havia eleições, os partidos fascistas vinham sempre falar em aumentos para a Função Pública - que nunca aconteciam. Hoje à distância, é impressionante ver a ingenuidade com que se acreditava naquilo.



Precisávamos de um novo “25 de Abril”?

Não há repetições. Cada momento histórico tem a sua particularidade de acordo com o quadro político e social nacional e internacional. A única coisa que sei é que a última palavra caberá sempre aos pobres. As classes dominantes têm a pretensão que são eternas e a História mostra que não o são. Pode demorar mais ou menos tempo, mas é fatal como destino que não é possível manter esta sociedade sem horizontes. E por isso é preciso retomar os valores de Abril, e recentemente provou-se isso. E retomar o valor da Liberdade de se poder andar para frente.

Morou na Amora, enquanto clandestino...

O Concelho do Seixal sempre foi uma grande zona de influência do Partido. Quando me envolvi no movimento juvenil, comecei a ter mais ligação ao concelho porque tínhamos na Torre da Marinha um camarada que prestava apoio aos clandestinos. Inclusivamente cheguei a morar na Amora, numa casa que ficava na rua da coletividade. Na altura a zona era um descampado, azinhagas. Entretanto a casa foi localizada e tivemos de fugir de lá.



O que foi a clandestinidade?

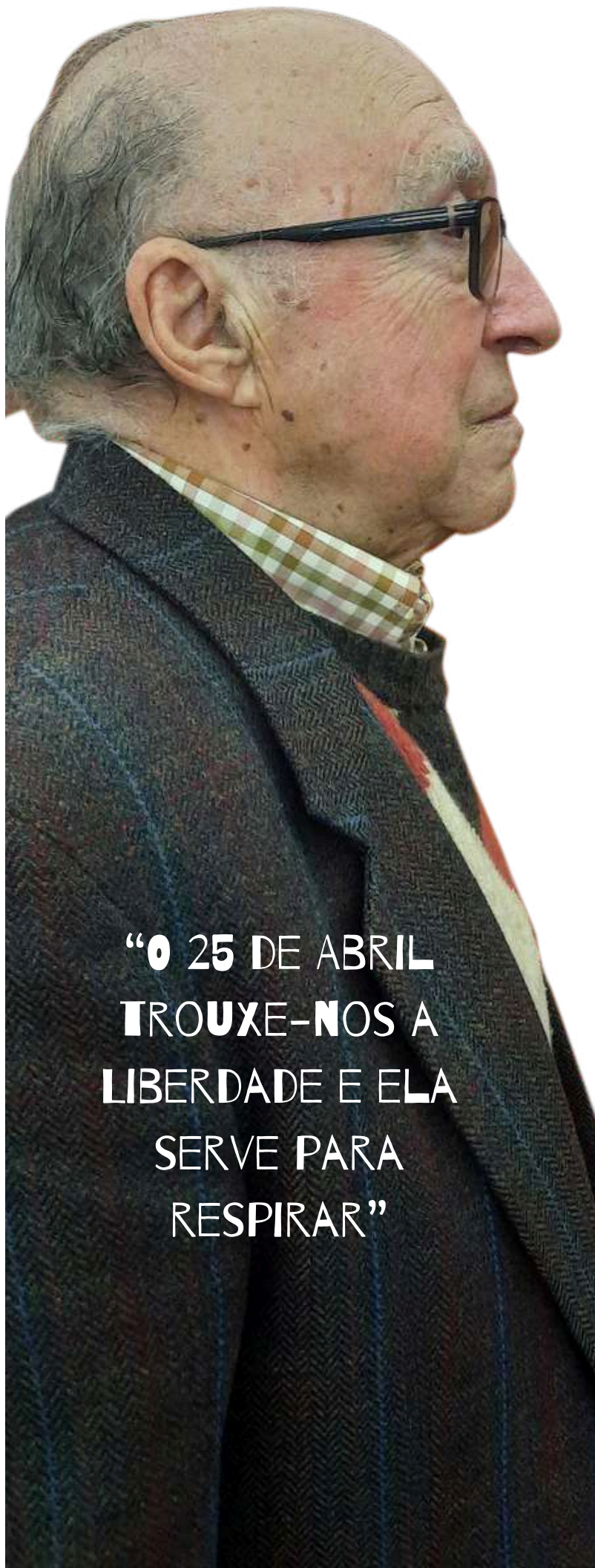
O Partido, assim como toda a sua atividade, era clandestino. A clandestinidade era um corpo de funcionários do partido, uma força organizada, que estavam em fábricas, escolas, etc. E por isso eram perseguidos pela Polícia. O papel deles era assegurar o funcionamento do partido e da resistência ao Fascismo. Não era possível fugir-se ao fascismo sem ser numa organização clandestina.

E isso implicava um determinado estilo de vida: não se podia contactar com a família; não se podia ir aos cafés; quando havia filhos, estes a partir de determinada idade eram mandados para as terras, porque acabavam por ser um duplo problema: não tinha uma infância livre e podiam ser fonte de denúncia porque havia sempre os vizinhos que gostavam de tirar nabos da púcara e era difícil explicar às crianças o que eram as reuniões em casa dos pais.

Aliás, essa foi uma das tarefas mais complicadas que, a determinada altura o partido me pediu: falar com uma camarada e ser inflexível e dizer quer estava a na hora de mandar o filho para a terra.

Era uma vida complicada, quando tinha de sair de casa e me despedia dizia "Vou, mas não sei se volto!". E isso aconteceu-me duas vezes, ser preso. Uma no Montijo e outra na Amadora. A vida tinha de ser toda organizada a pensar em como se salvar e que poderia ser preso na rua, em casa, a dormir. Os jovens não imaginam o que é viver assim!

O 25 de Abril trouxe-nos a Liberdade e ela serve para respirar. Se se perde esta noção do que foi esta luta contra o fascismo, dificilmente conseguimos defendê-la.



**“O 25 DE ABRIL
TROUXE-NOS A
LIBERDADE E ELA
SERVE PARA
RESPIRAR”**

O TEATRO FOI À escola

A Junta de Freguesia de Amora voltou a assinalar o Dia Mundial do Teatro, que se comemora a 27 de Março, com o projeto educativo e cultural “O Teatro Vai à Escola”, em parceria com a AnimaTeatro. O mesmo aconteceu entre os dias 9 e 11 de Abril.

O teatro regressou às escolas básicas do 1º ciclo da freguesia de Amora, no âmbito da iniciativa cultural de parceria com a AnimaTeatro, visitando três escolas. Fogueteiro, Quinta do Conde de Portalegre e Quinta de Santo António, foram os estabelecimentos de ensino que este ano foram brindados com a visita do grupo de Teatro da AnimaTeatro. Mais de 600 alunos, entre o 1º e 4º anos, assistiram à peça “O Rei Midas” – a 34.ª criação para a infância-família da Companhia de Teatro sediada na Amora.

“Este é um projeto de uma importância cultural e educativa extrema, uma vez que, em muitos casos, é se trata do primeiro e único contacto das crianças com o teatro”, ressalva Nelson Ramos. Para o Presidente da Junta de Freguesia de Amora, “este é um dos projetos mais enraizados nas escolas, que surgiu sob a alçada da Freguesia de Amora, e que responde de forma extraordinária a vários compromissos dos Executivos desta autarquia, tanto ao nível da democratização da cultura – enquanto uma conquista de Abril; da literacia para o Teatro e para Literatura – com a apresentação de textos próprios ou adaptados das grandes obras; assim como no apoio às instituições do território que promovem estes valores, e das quais a AnimaTeatro é um dos exemplos melhores que temos”.

Este ano, com a ida da peça à Quinta de Santo António, o projeto tornou-se ainda mais inclusivo. Sendo este estabelecimento de referência a nível de surdez e multideficiência, houve lugar a uma sessão com recurso a um interprete de LGP (Linguagem Gestual Portuguesa).



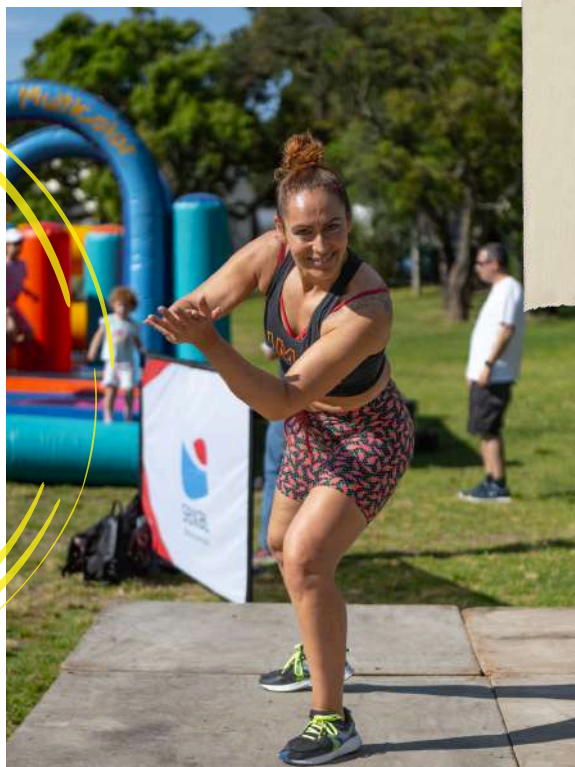
Mexe-t'Amora

Todos os fins de semana de manhã, de Abril a Junho, o Parque do Serrado será o palco da iniciativa Mexe-t'Amora. O evento da Junta de Freguesia de Amora, que visa promover a atividade física e o convívio saudável, é uma oportunidade para a população da cidade (e arredores) se juntar e desfrutar de momentos de exercício e animação em família ao ar livre.

O Mexe-t'Amora oferecerá uma variedade de atividades adequadas para todas as idades e níveis de aptidão física. Aos sábados, as manhãs serão de animação e muita música, com o Zumba (instrutores Eddy Silva, Ana Cardoso e Sofia Teixeira); os domingos prometem atividades mais tranquilas, para se iniciar a semana com energia e equilíbrio, com as aulas fixas de Pilates (instrutora Cátia Ferreira), e as aulas de Yoga (instrutora Márcia Viana) e Tai Chi (Mestre Max Dores) que acontecem quinzenalmente intercaladas. Além disso, em ambos os dias, haverá insufláveis para os mais novos e jogos tradicionais.

“O Mexe-t'Amora é um programa de desporto e saúde para todos, cuja gratuidade permite o acesso à atividade física a um leque vasto da população, para dali se iniciar ou manter hábitos de vida saudáveis; mas também de dinamização do espaço público, sobretudo nos meses em que o sol começa a surgir e as pessoas procuram viver a cidade da melhor forma e com esta iniciativa tem a melhor desculpa para o fazer”, explana Nelson Ramos, presidente da Junta de Freguesia de Amora.

A iniciativa decorre de 6 de Abril a 30 de Junho, entre as 10 horas e as 12 horas, no Parque Municipal do Serrado, e insere-se nas comemorações do 50º aniversário do 25 de Abril, na freguesia de Amora.



REGAR ABRIL



escultura evocativa dos
50 anos do 25 Abril

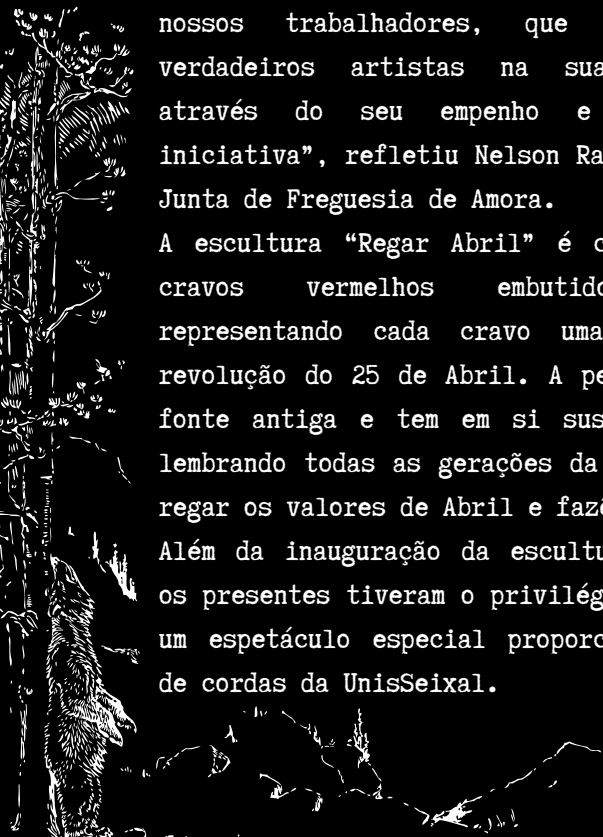
No dia 20 de abril, no Coreto de Amora assistiu-se à inauguração da escultura "Regar Abril", uma peça em metal, concebida pelos trabalhadores da Junta de Freguesia de Amora, sob a orientação artística de Helena Afonso.

Esta obra de arte, que representa um dos símbolos mais icónicos da Revolução dos Cravos, é o resultado de uma colaboração inspiradora entre a talentosa artista local Helena Afonso (do Grupo Coisas & Loisas do CDR Águias Unidas.) e dos trabalhadores da Junta de Freguesia de Amora. Enquanto Helena trouxe a sua expertise artística e visão criativa - que foi sendo discutida com a nossa Técnica de Design, Vera Palaio; nas nossas oficinas, o operacional Pedro Ferreira, mostrando o seu talento e habilidade em moldar o metal, deu vida à escultura.

"É importante destacar que esta parceria não apenas realça o talento artístico de Helena Afonso, que tem vindo a trabalhar incansavelmente na área da reciclagem e na criação de obras que dão uma segunda oportunidade aos objetos, mas também valoriza o trabalho de bastidores dos nossos trabalhadores, que demonstraram ser verdadeiros artistas na sua própria forma, através do seu empenho e dedicação nesta iniciativa", refletiu Nelson Ramos, presidente da Junta de Freguesia de Amora.

A escultura "Regar Abril" é composta por cinco cravos vermelhos embutidos no metal, representando cada cravo uma década sobre a revolução do 25 de Abril. A peça está fixa numa fonte antiga e tem em si suspenso um regador, lembrando todas as gerações da necessidade de se regar os valores de Abril e fazê-los florir.

Além da inauguração da escultura "Regar Abril", os presentes tiveram o privilégio de desfrutar de um espetáculo especial proporcionado pelo grupo de cordas da UnisSeixal.





A marginal de Amora recebeu a simbólica cerimónia da baptismo da embarcação com o nome "Cidade de Amora", oferecida pela Junta de Freguesia de Amora aos **Bombeiros Mistos da cidade**.

A entrega da embarcação foi oficializada aquando do aniversário do corpo de Bombeiros, a 1 de Abril, após longos meses de processos burocráticos. A 17 de Abril, alguns membros da corporação reuniram-se na marginal de Amora, com alguns convidados, entre os quais, o actual e o anterior presidentes da Junta de Freguesia, **Nelson Ramos** e Manuel Araújo, respetivamente, e procedeu-se à realização de uma pequena cerimónia de bênção da embarcação por parte do pároco Geraldo Finatto.



"A entrega desta embarcação à nossa corporação faz parte de um conjunto de necessidades que têm vindo a ser suprimidas pela nossa autarquia da Amora, assim como o Município do Seixal", começou por referir Fernando Soares, presidente da Direção da Associação Humanitária dos Bombeiros Mistos de Amora. "Este é mais um equipamento essencial que nos vai permitir uma série de valências que até agora não tínhamos." Este apoio não só fortalece a capacidade de resposta e intervenção dos Bombeiros Mistos da Amora, como representa igualmente um compromisso renovado com a **segurança e bem-estar** da comunidade local. Com a Baía Natural como uma parte vital da paisagem e das atividades da região, esta nova adição à frota dos Bombeiros Mistos de Amora "irá garantir uma presença eficaz e rápida em situações de emergência náutica assim como de apoio às iniciativas desportivas de que a baía é muitas vezes palco", remata Nelson Ramos, presidente da Junta de Freguesia de Amora.



50 anos a servir com amor

O Agrupamento 4I4 dos Escuteiros da Amora, assinalaram no passado dia 5 de Abril o seu 50º aniversário.

A sessão solene contou com a presença de Nelson Ramos, presidente da Junta de Freguesia de Amora, além de Paulo Silva, presidente da Câmara Municipal do Seixal e dos Chefes do Agrupamento 4I4 e Corpo Nacional de Escutas.

SERRADO ESTREIA-SE COMO PALCO DE BTT XCO

A 13 de Abril, o Serrado foi palco de uma emocionante prova do Campeonato Regional de BTT XCO, uma competição que reuniu cerca de 200 participantes num evento desportivo de elevada adrenalina. Organizado no âmbito do Desporto Escolar, pela Delegação de Setúbal, o evento foi uma verdadeira celebração da paixão pelo ciclismo de montanha, onde os competidores enfrentaram desafios emocionantes e percorreram trilhos desafiadores.

“O sucesso do BTT XCO no Serrado foi um sinal claro do potencial deste espaço para se tornar o epicentro das atividades desportivas da freguesia. Com as suas qualidades naturais e infraestruturas adequadas, o Serrado revelou-se o local ideal para a prática de desportos ao ar livre, proporcionando experiências únicas aos participantes e espectadores”, garante Nelson Ramos, presidente da Junta de Freguesia de Amora.



EBI Quinta da Princesa e EBI das Paivas vencem Estafeta Escolar 2024

No Parque das Paivas, em Amora, realizou-se mais uma edição da Estafeta Escolar, no passado dia 18 de Abril, uma competição que contou com a participação de cerca de duas centenas de alunos dos 3º e 4º anos do ensino básico da freguesia de Amora.

Este ano a EBI da Quinta da Princesa assegurou o primeiro lugar na prova disputada pelos alunos dos 3º anos; e a EBI das Paivas na prova dos 4º anos.

Pelos 3º anos, as turmas que competiram pela EBI Foros de Amora e EBI Quinta da Medideira, ficaram no 2º e 3º lugar respetivamente. Na prova dos 4º anos, destacaram-se a EBI Foros de Amora, na 2ª posição, e EBI Quinta de Santo António, na 3ª posição.



OBRAS



Plantação de árvores na frente ribeirinha, na Praceta Costa Barros, na zona do Centro Comercial Girassol (Cruz de Pau) e na rotunda do Correr D'Água



Arranjados três bancos e substituídos nove, na zone verde da Rua Bernardino Machado, em Amora



Requalificação do espaço de jogo e recreio do Parque Municipal do Serrado, localizado próximo ao Pavilhão Municipal Cidade de Amora, por parte da CMSeixal. Reabre dia 27 de Abril, à 10h00.



Colocação de lombas: Rua do Movimento das Forças Armadas, Rua Dr. Emídio Guilherme Garcia Mendes, Rua 1º de Maio, Rua Cacheu, Avenida da Liberdade (Paivas) e Rua do Minho



NO COMÉRCIO
LOCAL
é tudo mais *especial*

JOÃO CORREIA

Papelaria Técnica



Rua da Cordoaria, nº6-B
2845-054 Amora



joãocorreia.lda@hotmail.com
geral@papelariajoaocorreia.pt



212240148 | 925 667 364

João Correia é nome que tem passado de geração em geração, ligado à papelaria técnica, desde 1980. O que começou por ser quase um escritório de venda de material de papelaria, passou a ser uma das mais completas (e antigas) papelarias técnicas do Concelho.

Sediada na Freguesia de Amora, passou de pai para filho e agora é gerida pela 2ª e 3ª geração de “João Correia”, onde o mais novo dos herdeiros, assumiu a mudança dos tempos e modernizou este espaço de comércio: ao balcão e online, a qualidade é a tradição que se mantém.

Desde o simples lápis, à mais exuberante caneta passando pelo urbano graffiti, ali encontra de tudo o que precisa para escrever, desenhar e imaginar um mundo mais colorido!

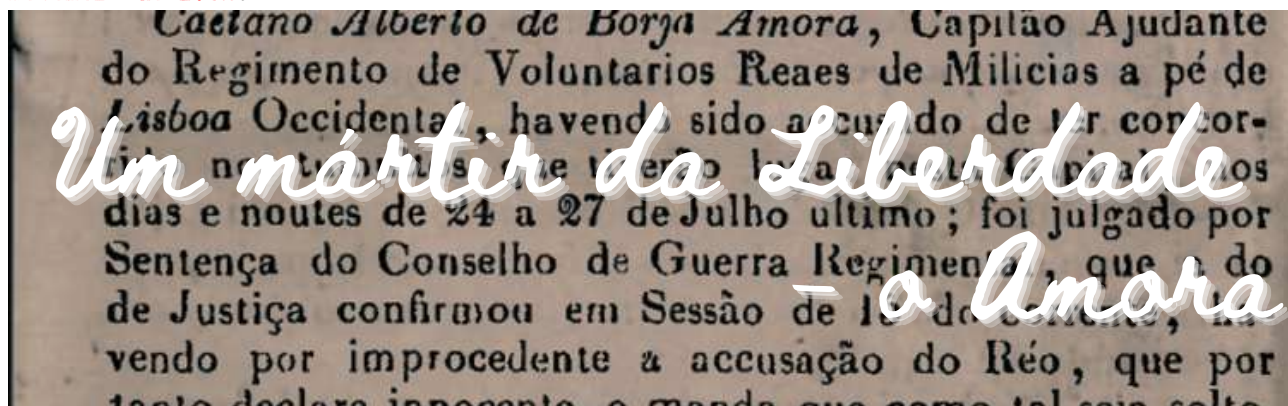
MARCA S & ARTIGOS

- Caran D`ache,
- Faber-Castell,
- Fabriano,
- Canson,
- Primo, Giotto,
- HP,
- Epson,
- Talens,
- Staedtler,
- MTN,
- NBQ,
- Lamy,
- Zippo,
- Lyra, entre outras



João Correia e Nuno

Caetano Alberto de Borja, filho de Francisco Borja Lourenço e de Rosa Maria de Jesus, nasceu na Amora, em Setembro de 1782.



texto na íntegra em asraizesdeamora.blogs.sapo.pt/

Assentou praça, no regimento de Gomes Freire de Andrade, aos 13 anos. Em 1801 já era cadete quando participou na Guerras das Laranjas (que levou à perda de Olivença).

Em 1809 encontramo-lo no Regimento de Voluntários Reais de Milícias a pé de Lisboa Oriental (vd. Gazeta de Lisboa, 26/12/1809). Sob as ordens do tenente-general Manuel de Almeida e Vasconcellos, instruiu as companhias de caçadores que se formaram na Península de Setúbal e participou na defesa das linhas de Torres.

Em 1817, é acusado de participar na conspiração de Gomes Freire de Andrade e mandado prender, mas foi avisado a tempo, fugiu para a serra da Arrábida - onde se manteve escondido durante quarenta meses "como sepultado" - e assim, escapou à sentença de degredo para Angola a que foi condenado à revelia. Depois da Revolução de 1820 é amnistiado e reintegrado na comissão que tinha antes da acusação que lhe foi feita.

Apesar da Justiça o ter considerado inocente é demitido por D. Miguel em 1828. Começava então a guerra civil que opôs D. Miguel a D. Pedro (absolutistas/liberais). Caetano Alberto de Borja, conotado com os liberais mais uma vez, andou escondido, tendo sido preso em Abril de 1829 tendo ido inicialmente para o Limoeiro e mais tarde para o Forte de S. Julião da Barra onde se encontrava quando se deu a vitória das forças liberais na Batalha de Cacilhas. Esteve presente nos combates que haveriam de conduzir à vitória dos liberais e à aclamação de D. Maria II.

Caetano Alberto Borja, conhecido por "o Amora" morreu em Lisboa em 19 de Novembro de 1849. Morreu pobre. O seu funeral foi pago por subscrição pública e a sua viúva precisou de esperar oito anos, para que lhe fosse paga uma pensão de sobrevivência.

Caetano Alberto de Borja, o Amora, foi um lutador que injustamente se perdeu nas brumas da memória. Em qualquer outro lugar a sua vida de sobressaltos e sacrifícios, em nome da Liberdade, seria motivo de orgulho.

siga.
 comente.
 partilhe.
 participe.



jf-amora.pt
jfamora@jf-amora.pt





Junta de Freguesia de Amora
Rua I° de Maio, Lote 4
2845-I25 Amora
T. 2I 226 8730
M: jfamora@jf-amora.pt
S: jf-amora.pt

Sugestões editoriais:
comunicacao@jf-amora.pt

Publicação Digital
Design [®] COMUNICAÇÃO